REVISTA DA FUNDARTE
ANO 21
NÚMERO 47
OUTUBRO A DEZEMBRO DE 2021
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO
arte educação E PERFORMANCE

DANÇA-EDUCAÇÃO E(M) COMUNIDADES: UM DIÁLOGO INTRODUTÓRIO

João Vítor Ferreira Nunes[1]

Resumo: Sabe-se que a presença da Dança nas Comunidades é algo recorrente, e também é sabido que através de seu ensino nesses contextos há um abraçar de sujeitos de diferentes idades, gêneros, raças, classes e crenças, cuja iniciativa de educação artística em comunidades partiram de indivíduos que a reconheceram como potência transformadora. Neste artigo, ergueu-se tripés de interlocução entre dança e educação em periferias, cujo objetivo foi discutir sua presença, importância e seus impactos. Por fim, coube ainda apontar que se tratou de um estudo introdutório, ora com revisão bibliográfica e analítica, como também experiências empíricas, que buscou pensar na dança-educação em comunidades menos favorecidas.

Palavras-chave: Arte Integrativa; Dança nas Comunidades; Dança-Educação.

Abstract: It is known that the presence of Dance in Communities is something recurrent, and it is also known that through its teaching in these contexts there is an embrace of subjects of different ages, genders, races, classes and beliefs, whose artistic education initiative in communities started of individuals who recognized it as a transforming power. In this article, tripods of dialogue between dance and education in the periphery were raised, whose objective was to discuss their presence, importance and impacts. Finally, it was also worth pointing out that this was an introductory study, sometimes with a bibliographical and analytical review, as well as empirical experiences, which sought to think about dance education in less favored communities.

Keywords: Integrative Art; Dance in Communities; Dance-Education.

Observando as fronteiras no fomento do ensino das artes

É sabido por muitas pessoas que a educação através das Artes desperta o lado mais sensível, criativo e humano dos indivíduos, segundo os PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998), BNCC (Base Nacional Comum Curricular, 2018) e LDB (Leis de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, 1996).

[1] João Vítor Mulato é artista-docente interdisciplinar. Possui graduação no curso de Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Maurício de Nassau (UNINASSAU), Licenciatura em Teatro e Dança pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Especialização em Consciência Corporal, Saúde e Qualidade de Vida (UFRN) e Especialização em Ensino de Teatro (IFRN). Mestrado pelo Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGArC UFRN). Doutorando no Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGAC UDESC). Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/3721151240251862. Orcid iD: https://orcid.org/0000-0003-3066-6623. E-mail: joaovitormulatto@gmail.com

Por esse motivo é que nos parâmetros, diretrizes e bases curriculares há informações de que ela – a Arte – deve atingir e ser usufruída por todas as pessoas. Frente a isso, não há como negar que por meio de suas linguagens – Dança, Teatro, Artes Visuais e Música –, podemos avistar inúmeros encontros a partir do momento que vivenciamos procedimentos de cunho exploratórios e educativos. Tais encontros podem variar entre, com nós mesmos, com outros artistas de cena, com o espaço e com o próprio público. Em cada um desses encontros há sensações, emoções, prazeres, e mesmo desprazeres, diferenciados que ampliam nossos repertórios pessoais e artísticos. Dessa forma, que vejamos a Arte em si como verdadeira potência, que desperta lembranças e sentimentos em seus diferentes níveis, tempos e estados, e,

> sem dúvidas, por meio das teorias e práticas que circundam as artes da cena podemos nos conhecer; desde os nossos corpos e devaneios, aos modos pelos quais nos comportamos em contexto social. A arte, sem dúvidas, é reflexo e expressa a vida, bem como a imprime. É dessa forma que nos dedicamos a enxergar que através da arte é possível apresentar nossas essências, nossos sonhos, desejos e individualidade, e esse diálogo é algo processual, investigativo e que transcende para além de nós. Desvela *eu's* que vivem embuçados, à espreita. Contudo, para que cheguemos a nos manifestarmos dessa maneira, precisamos *experienciar* métodos e/ou técnicas. (NUNES; GALVAO, 2021, p. 343).

A partir da citação acima, podemos perceber que a educação artística é caminho promissor de mudança de realidades, uma vez que fundamenta percepções, corrobora para o desenvolvimento cognitivo do ser humano por meio do seu ensino nos processos de aprendizagem, como também é reconhecida como potência que integra e desvela valores. E, por meio dessa inauguração textual, podemos reconhecer que a Educação e a Arte caminham lado a lado, se imbricando, sendo totalmente necessárias em contexto social por proporcionar momentos de (auto)conhecimento, para além de entretenimento a quem a prestigia.

Pensar no impacto que causa as artes da cena na vida de crianças, adolescentes e mesmo de adultos é se importar com a educação artística e social, assim, devemos observar o seu fomento, discutir suas articulações nos diversos contextos educativos e mesmo como ela rompe barreiras. Agindo assim, a meu ver,

estaremos contribuindo, a partir do momento que tomarmos a iniciativa de fomentar a educação artística, para o aumento de repertórios artísticos, culturais e corporais daqueles que, com as linguagens, tiverem algum contato.

As questões que adiante serão erguidas – dança em contexto comunitário, periférico, tendo em vista os estilos mais praticados/perpassado, diálogos acerca da mudança de realidades e apresentação de seus impactos – se deram por meio de umas explorações empíricas em contexto de alteridade e também análises bibliográficas, a fim de observar a estreiteza entre a prática do ensino de Artes e(m) comunidades, cuja problemática fora refletir se a mesma é de fato acessível, integrativa e inclusiva, sobretudo com relação àquelas pessoas que estão majoritariamente à margem, distante dos olhos do poder público.

Atentar, pois, para como a Arte está presente e operando nas margens é de suma relevância, fitando como se deram e estão se dando as articulações educativas nos espaços menos 'vistos' e mais 'marginalizados' – as comunidades. Dessa forma, devemos pensar em uma educação para além dos espaços que as mesmas 'devem' ou 'estão condicionadas a acontecerem', uma vez que a atuação profissional educativa independe de um lugar, quando na realidade o que mais importa são os processos e impactos que às práticas educativas favorecem aos envolvidos. Para dar continuidade a essa empreitada analítica precisei não apenas me dedicar aos estudos bibliográficos que versassem sobre artes, educação e comunidades, mas também rememorar o passado enquanto sujeito fruto de projetos sociais e que hoje se dedica a fruir a mesma nas comunidades por onde passa.

Faz-se mister apontar que, enquanto arte-educadora em Dança, Teatro e Performance dedico-me, junto de outras profissionais artistas, a levar os conhecimentos sistematizados/articulados nas academias para as periferias, para que haja uma troca retroalimentativa entre esses dois campos de saberes. É imprescindível que indivíduos segregados sejam envolvidos pela arte, todavia, para que isso ocorra, é preciso que aconteça constantes articulações, e esse movimento, sem dúvidas, fará com que um em comunhão com os outros possamos verdejar os solos por onde passarmos, pois como nos diz o educador Paulo Freire, nós nos

educamos mutuamente (FREIRE, 1996). Laborando esses caminhos, além de verdejar os solos, estaremos rompendo barreiras por meio da idealização/atuação de uma educação sem muros, ou seja, uma educação em/para Artes não direcionada a um público específico, que não restringe e limita seus saberes teórico-práticos, mas que busca desancorar e se articula enquanto conhecimento integrativo/inclusivo e investigativo de corpos, que abraça a todas as pessoas, observando e respeitando as individualidades existentes.

Contudo, sinto a necessidade de apontar que pelo fato de a arte ser uma ampla área de conhecimento com suas várias linguagens, mirei os holofotes e centrei os discursos mais precisamente para as teorias e práticas educativas em Dança, por ser a Arte que muito mais me envolvo e me articulo enquanto artista, educadora e pesquisadora, todavia, ressalvo que as demais linguagens são de suma importância e que merecem ser tateadas, porém, neste artigo não estarão no centro do debate. E, partindo de pensamentos da pesquisadora em dança Karenine Porpino (UFRN), a autora afirma em seu livro *Dança é Educação* (2018), que a dança é para além de uma linguagem artística, mas também um processo educativo que necessita de imersões constantes, onde fará com que os indivíduos que nela mergulharem se (re)conheçam ao dançar, que criem seus próprios universos e alterem os espaços nas trocas que ocorrerem pela arte corporal. Nesta perspectiva, parto da premissa de que toda dança é educação.

Movendo as camadas da sociedade por meio da arte do movimento: a dança educativa 'periférica'

O processo educativo em si proporciona inúmeras mudanças sociais, remove lacunas e amplia horizontes, e quando atrelado a outros mecanismos de transformação, como por exemplo a linguagem da dança, manifesta de diversas maneiras a socialização, não limita os movimentos corpóreos e pode vir a levar os envolvidos a refletirem sobre os contextos que se encontram inseridos. Mas a grande questão, talvez a problemática deste artigo, é saber se, de fato, a arte e a

educação imbricadas estão sendo como plataformas de entendimentos e criações para todas as pessoas. Assim, questiono-me: a arte, em especial a dança, está conseguindo chegar nos grupos mais segregados, cujos olhos não tiveram avistado antes? Quais papéis ela desempenha nesses espaços e quais os impactos educativos nesses contextos? Faz-se necessário refletir acerca de tais questões, uma vez que há nos documentos elaborados por educadores brasileiros – PCN's, BNCC e LDB – que a mesma deve chegar em todos os indivíduos.

Porém, para que o artigo não se torne um mero espaço de questionamentos, lanço mão de informação coletada por mim, enquanto arte-educadora-pesquisadora ao longo dos anos. Sou um indivíduo que sempre esteve diretamente ligado a educação em/para Artes em comunidades por acreditar que a Dança (também Teatro, Performance e Artes Visuais – linguagens essas que mais tenho familiaridade/práticas) precisa ser usufruída e fruída por todas as pessoas, e foi partindo dessa perspectiva que me articulei para estar em movimentos sociais comunitários proporcionando momentos de saberes à crianças, adolescentes e adultos que assim como eu, residiam em zonas periféricas das cidades, mas que ainda assim fora possível ter acesso às práticas da dança com dignidade.

Ao chegar nos espaços que ministraria aulas, me deparei com públicos diversos, com idades, corpos e histórias diferenciadas, mas que tinham algo em comum: o desejo de se conhecerem e dançar. Antes de darmos continuidade ao relato dessa experiência, sinto a urgência de inserir um pensamento articulado pelo pesquisador Marcílio Vieira, no artigo *O sentido do ensino da dança na escola* (2007), quando afirma que a "[...] dança na Educação trouxe consigo a discussão do sentido de ensino que permanece aberto alimentado por diferentes argumentos, que buscam justificar seu valor educativo". (VIEIRA, 2007, p. 104)

O autor citado continua:

> A importância da mesma para a Educação é a contribuição singular dessa linguagem artística para o desenvolvimento cultural e o crescimento pessoal do ser humano, apresentando uma nova perspectiva para a Educação acreditando-se na possibilidade de troca de experiências ampliando a compreensão do fenômeno educacional. (IBIDEM).

Vieira (2007), com seus argumentos relevantes, visou discutir tais questões da dança e seu ensino em escolas regulares, contudo, é neste momento do artigo que ampliei as camadas a fim de discutir sobre espaços de educação não formal, e de como podemos aplicar o discurso educativo fomentado pelo autor supracitado por meio da dança – da contribuição singular dessa linguagem artística para o desenvolvimento cultural e o crescimento pessoal do ser humano – em tais espaços de socialização/educação não formal. Que tenhamos na cabeça, desde já, que não há um lugar específico para acontecer processos educativos e formativos em dança, como por exemplo visam muito a instituição/prédio escola, mas que em todos os espaços nós 'nos' educamos corporalmente e constantemente. O que devemos reivindicar ao poder público é a dignidade, um mínimo de esforço, para que tais movimentos existam, e que haja reconhecimento e devida valorização. Fruto desses fluxos constantes são as ONG's, que em geral têm acolhido crianças, adolescentes e mesmo adultos, junto de profissionais para possibilitar momentos de trocas educativas e conscientizadoras.

Em minhas experiências e an**D**anças, notei que boa parte das pessoas que residem nos espaços periféricos são de baixa renda e, se pararmos para observar os porões da história iremos compreender os seus verdadeiros motivos; mas esse é um outro estudo, e reitero que estou me dedicando a falar sobre a dança nas comunidades. Dada essas questões, pude perceber enquanto educadora corporal em dança nas comunidades – pelo menos nas que ocupei um espaço: Natal (RN)[2], Barueri (SP)[3] e Florianópolis (SC)[4] – há muita Arte, uma delas a linguagem da dança, sendo mais forte o estilo das Danças Urbanas em suas várias vertentes, a exemplo do *Breaking* e *Funk*. Não há como negar esses estilos e reconhecer a sua legitimidade, uma vez que fazendo isso estaremos negando boa parte de uma cultura e todo o seu povo. E precisamos falar dessas manifestações artísticas tão

[2] Em Natal (RN), atuei como educadora social em dança, nas comunidades do Bom Pastor e Favela do Japão, junto ao projeto de ensino, pesquisa e extensão Ação Comunidade da Escola de Música da UFRN, sendo o projeto coordenado por Raquel Carmona.
[3] Na cidade de Barueri (SP), atuei na ONG SAF, como educadora de Artes e Educação Sexual.
[4] Na cidade de Florianópolis (SC), atuei como educadora em dança na comunidade Morro dos Cavalos e no centro da cidade, ministrando aulas teórico-práticas para pessoas lidas enquanto carentes.

presentes nas comunidades para que elas se tornem ainda mais vistas, partilhadas e que se ramifiquem para além das comunidades, para que também ocupem ainda mais as universidades, as academias de dança, os grandes centros, os festivais e as emissoras de televisão com seus programas de entretenimento. Sim, essas modalidades de artes já são disseminadas nas mídias, contudo, tenho percebido que muitas vezes de forma 'pejorativa', 'marginalizada'. É necessário que, com esses movimentos ampliemos ainda mais as camadas, ramificando suas vozes e as legitimando, para que assim consigamos retirar dos traçados de inferioridade, pois faz-se mister apontar que em todas as essas manifestações há além de meras expressões hiperssexualizadas – no caso do *Funk* – ou marginalizado – no caso das Danças Urbanas e(m) seus vários estilos. Há histórias, identidades culturais e populares. Através da educação é possível subverter tais lógicas segregadoras/excludentes.

Reconheço que para se dançar o *Funk* e alguns dos estilos presentes nas Danças Urbanas, é preciso experiência e familiaridade rítmica, além de muita coordenação motora e consciência corporal para que na vivência os corpos e as músicas passem a se fundirem. É possível que façamos um estudo rítmico tendo como base essas danças educativas 'periféricas', 'marginalizadas', para que possamos enxergar nessas manifestações culturais o seu valor social e cultural. Com isso, é praticável que as trabalhemos para além das comunidades, mas também nas escolas, não de forma pejorativa e/ou segregadora, impondo juízos de valor, mas de maneira lúdica, rítmica, concientizadora, como viabilizar seus passos, os movimentos motores congruentes e isolados e partes do corpo. Ou seja, é possível que elas se coadunem aos saberes educativos que envolvem o corpo, cunhado por Rudolph Laban (1879-1958), educador corporal mundialmente reconhecido.

Além de exercícios corporais, pode-se estudar as letras das músicas abordando-as de modo reflexivo, como também a musicalidade e suas variações nos toques e batidas. Dessa forma, há como exercitar o corpo e a inclusão da mente – racionalidade, criatividade. E, por meio dessas práticas pedagógicas, podemos

(re)conhecer as danças educativas periféricas e segregadas como viabilizadoras de saberes, que proporcionam questionamentos e levam às reflexões.

As articulações realizadas pelos praticantes das Danças Urbanas, ou mesmo aqueles que se aproximam do *Hip-Hop* (observando também o *rap* e *grafite*), é algo totalmente periférico, assim como o *Funk* também o é, contudo, o primeiro estilo de dança iniciou sua visibilidade de forma ferrenha nos anos de 1970, ou seja, há toda uma história possível de ser vista, reconhecida e valorizada. Algo que veio das 'camadas menos favorecidas dos EUA', e que devido sua força chegou em solo brasileiro. Desde então, lutou para ser vista como um estilo de dança profissional e assim o conseguiu. Reflexo disso é que o *breaking* estará nas Olimpíadas de 2024 como modalidade competitiva, que ocorrerá na cidade de Paris, na França. Não há como negar que, por meio do estilo *hip-hop* em geral, há todo uma educação teórico-prática, além de seus diversos modos de se dançar, como o *breaking*, dentre outros. E, de fato, não é de hoje que esses profissionais da dança têm ocupado espaços em comunidades e oferecido seus trabalhos como possibilidades de movimentar as camadas da sociedade e reparar/modificar vidas por meio da dança.

Cabe frisar que o *Funk*, por sua vez, é um movimento cultural totalmente e exclusivamente brasileiro, que emergiu nas periferias do Brasil, mas que sofreu influências de inúmeros outros, mundo afora, como o *funk soul* afro-americano de 1950. O *Funk* brasileiro; se assim podemos o identificar, hoje em dia tem tocado não apenas suas músicas, mas levado dançarinas/os ao profissionalismo ao redor do mundo, e questiono-me: porque não os valorizar e educar crianças, adolescentes e adultos por meio desses estilos de dança? O que há de errado nas práticas do *Funk* e mesmo do *Hip-Hop* em geral? Como podemos subverter, via práticas educativas, suas narrativas pejorativas, retirando-as das idealizações marginalizadas e transformando-as em verdadeiras potências enquanto educadores? Que reconheçamos que

> [...] o funk apresenta novas configurações e se popularizou para além da periferia extrapolando as vias discursivas que o enquadravam como um ato de barbárie libertina. Basta olhar na mídia o quanto têm sido mencionadas e tocadas as músicas de funk em novelas, programas de televisão,

> propagandas, utilizadas em jingles ou aparecendo como funk gospel e uma infinidade de variações que se espalham a cada dia na internet. (GOLÇALVES; ARAÚJO, 2017, p. 76).

É possível, pois, descamar por meio da arte da dança as estruturas já enrijecidas e excludentes que envolvem os sujeitos que vivem à margem e seus estilos de dança, onde estão distantes dos grandes holofotes comerciais, das grandes e renomadas escolas de dança que comumente conhecemos e vangloriamos.

Os profissionais da dança com que tive contato, tendo em vista que ocupei esses espaços como educadora social da área da Dança, sendo mais a dança contemporânea e o ballet clássico, afirmaram que precisavam oportunizar às crianças e adolescentes de suas periferias, como também à periferia como um todo, com as técnicas e estéticas em dança que aprenderam ao longo de suas vidas. Reconheceram que tiveram suas vidas mudadas pela arte do movimento e que, de algum modo, sentiam a necessidade de ensinar, tornando-se assim professores/educadores de outras pessoas. Dessa forma, estavam conscientes de que se encontravam movendo as camadas das comunidades, fruindo saberes teórico-práticos, os quais envolviam a Dança e a linguagem corporal.

Nas comunidades do RN, SP e SC – as quais passei e ministrei aulas de Dança Contemporânea e Ballet Clássico –, os educadores em dança de modalidades diferentes das minhas, assim como eu, se esforçaram e conseguiram criar miniapresentações nas próprias comunidades, participando também de pequenos e grandes festivais competitivos em seus e outros estados, fomentando assim a arte feita nas periferias. Dessa maneira, não há como silenciar todo um movimento feito e nutrido por várias mãos, nem tampouco negar sua natureza ou segregar tais profissionais. Frente a isso, reitero com outras palavras que há uma grande parcela de artistas periféricos que acreditam na potência da educação pela arte, e com isso estão interessados em fazer com que a mesma chegue a outros públicos, para além daqueles que já têm algum tipo de contato com ela. De fato, querem que a mesma seja fruída, tateada e exercitada pelos seus. Ao mencionar ‘um grande número de indivíduos que estão fruindo arte em diversos espaços’; os

quais chamamos de espaços de educação não formal, refiro-me a artistas da cena que têm se interessado por mobilizações tal qual aconteceu com eles. Essas pessoas reconhecem a arte como meio de transformação social e, para além disso, percebem que a mesma deve atingir a toda e qualquer pessoa, independentemente de gênero, raça e classe.

A importância da arte da dança nas comunidades é de suma relevância por chegar a estimular inúmeras pessoas a se descobrirem como seres dançantes e, respectivamente, conheçam seus corpos gradativamente, e isso pode lhes proporcionar uma profissão no futuro. Além disso, vale reconhecer que a partir de seu fomento há um ganho de visibilidade nas próprias comunidades, e a dança, bem como o nome do grupo, consegue chegar em inúmeras casas, bairros, estados e países. Assim, há todo um movimento que é possível de ser visto, explorado e valorizado. Basta que oportunizemos.

Conclusão

Como informei anteriormente, sou fruto de projetos sociais em dança, e as mobilizações que fiz, em minha tenra idade, foram muito mais de ações culturais viabilizadas por artistas independentes, sem estarem diretamente ligados a ONG's ou projetos sociais cunhados pelo poder público. As sementes plantadas em mim ainda na infância, foram crescendo e fizeram com que eu me tornasse um profissional das artes da cena, e que atualmente retribui aquilo que aprendeu nas academias, aos indivíduos das comunidades. Acredito e assim fomento à dança que se inicia, justamente, em um lugar pedagógico inclusivo e integrativo, o qual acolhe a todas as pessoas, de idades, gêneros e classes diferenciadas. O único pré-requisito exigido é que tenham vontade de estarem fazendo arte e se conhecendo através dela.

Neste artigo, visei observar como a arte, em especial a dança e seus fazedores conseguiram mobilizar as comunidades por onde passei; RN, SP e SC, e desde já aponto que pude perceber inúmeros pontos positivos, dentre eles o resgate

de indivíduos das ruas, uma vez que algumas crianças/adolescentes costumavam passar muito tempo ocupando esses espaços, e com a iniciativa dos projetos sociais, encontraram atividades culturais para estarem inseridos e praticando. Nas três capitais dos estados apontados, as mobilizações partiram de ONG's, e frente a isso me questionava como as instituições públicas e privadas do Brasil poderiam contribuir para ampliar esses movimentos. Reconheço que há inúmeras ações em andamento, contudo, é algo que precisa se expandir a cada ano, universalizando o ensino de artes para aqueles que nunca experienciaram antes, fora do contexto escolar.

De fato, é uma via de mão dupla que proporciona trocas necessárias para crianças, adolescentes e adultos, como também para os próprios discentes e docentes, uma vez que estarão em uma constante troca entre campus universitários e contexto social, realizando estudo teórico-práticos em contexto de alteridade. Enquanto as crianças/adolescentes usufruem de saberes sistematizados na academia, os acadêmicos das licenciaturas e bacharelados colocam em prática as experiências docentes para além das escolas regulares. Faz-se necessário mais atividades socializadoras, onde há trocas de humanidades e afetos, para que os indivíduos que residem nas comunidades possam se sentir parte da sociedade. Que tenham seus corpos, histórias e vozes legitimadas.

Tais saberes não se restringem apenas às artes, mas às demais áreas de conhecimento como um todo, pois há um grande número de pessoas que carece de ensino, educação e aparato social. A questão que neste momento povoa a minha cabeça é: e a arte com isso? Sabe-se que o ensino da arte é um processo revelador, emancipatório e de inúmeros encontros, e por esse motivo é que a mesma é tão necessária. A arte e suas linguagens – Dança, Teatro, Música, Artes Visuais – são áreas de conhecimento que se coafetam com outras, que podem ser exploradas de diversas maneiras, revelando as identidades, histórias e vozes do povo periférico brasileiro.

Como arte-educadora social, tenho mobilizado no último ano, junto ao grupo de pesquisa, ensino e extensão da UFRN cujo título é Ação na Comunidade, com

coordenação geral da Raquel Carmona (UFRN), para viabilizar em rede aulas de Dança, Teatro, Música e Artes Visuais para crianças e adolescentes que residem em duas comunidades da cidade do Natal, Rio Grande do Norte, sendo o Bom Pastor e Favela do Japão. Neste projeto traçamos, uma em comunhão com as outras, caminhos pedagógicos e integrativos, onde os licenciandos/as dos cursos de Artes da própria UFRN, com apoio financeiro da Capes, ministram aulas de artes em suas diferentes linguagens, sempre valorizando a individualidade das crianças e adolescentes envolvidos, como também suas mães/pais.

Trata-se, pois, de políticas públicas sociais que precisam ser melhor pensadas e articuladas, para que sejam presentificadas e respectivamente atinjam e mobilizem o maior número de pessoas. Há um número grande de projetos sociais presentes em todo o Brasil, e são tantos que fica complexo citá-los. Precisaria de uma cartografia, as quais envolveriam regiões, estados, municípios e seus bairros. Ou seja, um estudo detalhado. Em contraponto a isto, há um número de crianças nas ruas[5]; recorte Brasil, precisando de apoios e afetos é ainda maior, e por meio de ações humanizadoras é possível resgatá-las.

Projetos artísticos em comunidades é um assunto que muito me interessa enquanto ser humano e educadora, e por esse motivo é que sempre estive envolvida nos projetos, contudo, reconheço que é um tema que melhor precisa ser estudado em seus diversos contextos, pois há movimentos que passam despercebidos, mesmo com anos de atividade. Ou seja, é um campo de pesquisa que precisa ser melhor explorado, não apenas nas cidades que perpassei; como Natal, São Paulo e Florianópolis, mas na observância de um número maior em todo o Brasil. Acredito que por onde caminhei e observei esses recortes, é somente uma pequena ponta de uma enorme colina, onde há muito mais terrenos a serem acampados e explorados. Esse estudo irá, sem dúvidas, contribuir para o cenário comunitário das Artes, sobretudo Dança, percebendo então seus impactos, transformações de vidas e acesso à história.

[5] Dados levantados pela ONG Visão Mundial, no ano de 2020, aponta que 70 mil crianças vivem nas ruas do Brasil, segundo o R7: https://noticias.r7.com/sao-paulo/abuso-e-violencia-70-mil-criancas-vivem-em-situacao-de-rua-diz-ong-20022019

Como apontei acima, trata-se esse artigo de algo introdutório, provocador, que busca fazer com que outros profissionais para além das artes reflitam sobre práticas educativas e de formação em comunidades de todo o Brasil. Ou seja, pensar em educação não formal. Por fim, acredito que educar é preciso, trocar é fundamental. E educar friccionando saberes com as linguagens das Artes é necessário, algo urgente e que necessita cada vez mais de mobilizações.

Referências:

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular, BNCC*: Ensino Médio. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*, LDB. 9394/1996. BRASIL.

BRASIL. *PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, PCN Arte*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

NUNES, João Vítor Ferreira; GALVÃO, Thaíse. Projeto ação na comunidade e método dança-educação física: uma proposta artístico-pedagógica em dança. *Revista Apotheke*, Florianópolis, v. 7, n. 2, 2021. DOI: 10.5965/24471267722021340. Disponível em: https://www.revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/20587. Acesso em: 11 nov. 2021.

PORPINO, Karenine de Oliveira. *Dança é educação: interfaces entre corporeidade e estética*. Natal: Editora da UFRN, 2018.

VIEIRA, Marcílio de Souza. *O sentido do ensino da dança na escola. Revista Educação Em Questão*, *29*(15), Revista Educação em Questão, Natal, v. 29, n. 15, p. 103-121, maio/ago. 2007. Recuperado de https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/4450